



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FABIANA JUSTO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias
Número da entrevista: E-583
Entrevistada: Fabiana Justo
Nascimento: 16/08/1982
Local da entrevista: Academia Profitness – Porto Alegre
Entrevistador: Isabela Berté
Data da entrevista: 07/08/2015
Transcrição: Alexandre Luz Alves
Copidesque: Isabela Lisboa Berté
Pesquisa: Isabela Lisboa Berté
Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner
Total de gravação: 45 minutos e 37 segundo
Páginas Digitadas: 14 páginas
Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no boxe; Relação com família, amigos e treinadores; Situação do boxe feminino no Rio Grande do Sul; Trajetória como atleta; Patrocinadores e incentivos; Percepção das mudanças corporais; Diferenças na prática de homens e mulheres; Contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 07 de agosto de 2015. Entrevista com Fabiana Justo a cargo da pesquisadora Isabela Lisboa Berté para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Como foi a sua inserção no boxe e se essa foi a sua primeira modalidade esportiva?

F.J. – Eu comecei querendo fazer arte marcial aos treze anos de idade, só que eu comecei com muay thai, fui conversar com minha mãe e ela questionou porque eu não fazia balé igual as minhas amigas, minhas primas... Ela adorava ver as apresentações de balé e eu disse: “Não! Ou tu me ajuda e paga a academia para mim por que eu quero fazer ou eu vou vender uma coisa por mês para pagar a mensalidade, tu escolhe”. Ela foi, conversou com o meu pai e resolveram me deixar fazer. Eu comecei fazendo muay thai, fiz um ano de muay thai, depois eu fiz kempo por três anos, peguei a graduação vermelha no kempo e saindo do kempo... Como eu sentia falta um pouco mais de soco, um pouco mais de trocação, por isso eu acabei indo para o boxe. Na verdade eu fui para o boxe olímpico e para o full contact, porque era o mesmo mestre, eu fazia as duas modalidades juntas. Eu fui para o boxe com uns dezessete anos e permaneço até hoje fazendo boxe. Eu comecei a competir na época, pois nós tínhamos bastante estímulo para entrar em competição e comecei a achar interessante. Eu fui a primeira vez, gostei de toda adrenalina, a gritaria da plateia... Eu competi durante uns dois anos e meio e fiquei em primeiro lugar, nesses dois anos, eu fiquei como representante de Porto Alegre em primeiro lugar e vice estadual. Acabei não indo para outros campeonatos, Brasileiro¹, alguma outra coisa fora e chegou uma hora na minha vida em que... O campeonato tem que te dedicar muito para ser competidora, tu tem que dedicar algumas horas do teu dia, não dá para ter muita folga e eu estudava, fazia estágio, trabalhava, era bem corrido. Eu tive que colocar na balança naquele momento o que futuramente daria mais suporte de vida, então eu optei por deixar como hobby. Eu continuei praticando, nunca abri mão de praticar, sempre dei um jeito e deixei os campeonatos de lado para poder me dedicar aos estágios e a profissão. Eu vejo que o boxe olímpico tem uma disciplina, eu acho que é uma filosofia de vida, a pessoa passa a ter para sua vida aquela disciplina, do respeito à equipe, ao mestre. Eu acho que a arte marcial, a luta, como o boxe, traz essas coisas que são muito importantes para a formação do indivíduo. Se eu pudesse indicar crianças, desde pequenas deveriam praticar alguma luta,

¹ Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino.

alguma arte marcial. Eu acredito que para a formação das pessoas ajuda muito a regra, disciplina, respeito, amizade, equipe. Acho que faz diferença, a perseverança, a pessoa aprender a correr atrás do que quer. Claro, os esportes em geral trazem isso, mas as lutas são bem disciplinadas com relação a isso.

I.B. – Alguém influenciou na escolha pelo boxe, amigos, professores ou familiares?

F.J. – Não, foi bem uma questão minha, eu estava fazendo kempo, gostava, mas o kempo é muito voltado para os katas, não tem trocação de soco, então eu estava sentindo falta da questão, talvez mais agressiva e por isso eu optei de ir para o boxe. Não que o boxe seja agressivo, mas a questão da trocação de soco e acabei gostando muito. Meu mestre é o Alexandre Balestro, ele agora está dando aula em Santa Catarina, fui fazer uma aula experimental, gostei e fiquei mais de dez anos com ele, mas ninguém me influenciou diretamente.

I.B. – Tu encontrou alguma resistência dos professores ou da Federação Rio-Grandense de Pugilismo para que as mulheres treinassem ou competissem?

F.J. – Não, com relação a isso não, acho que se alguém tinha alguma coisa contra nunca teve coragem de expressar para mim. Eu também sempre fui muito firme com relação ao que eu quero, ao que eu gosto, ao que eu vou fazer. Se tinha alguma questão de preconceito com relação a isso nunca expressaram para mim, até pelo contrário, sempre senti e até hoje sinto que as pessoas admiram. Eu acho que talvez seja uma minoria que nem se percebe, com relação a querer colocar dificuldades. Acho que tem muito a ver com a tua postura, se tiver alguma coisa para criticar acho que nem se sentem a vontade.

I.B. – Como a tua família e teus amigos reagiram a escolha pelo boxe?

F.J. – Os meus amigos sempre me deram o maior apoio, sempre acharam legal. E as gurias trazendo aquela história: “Agora tu vai me proteger, agora é contigo as broncas, se acontecer alguma coisa tu resolve para nós”. Sempre levaram com brincadeiras, mas sempre no sentido de dar apoio. A minha família no início estranhou, até uma vez eles

foram... Teve um campeonato bem legal no Bar Opinião² que foi realizado pela Profight, que é essa academia que é a Profitness³ de antigamente, de quinze anos atrás. Depois até te conto porque nós estamos aqui... Meus pais foram nesse campeonato, Opinião lotado, era um campeonato de luta livre, mas que a abertura ia ser realizada comigo e com a outra competidora, ela era a primeira do estado. Meus pais foram escondidos me assistir, não contaram que iriam e minha mãe disse que quase morreu. Mas por um lado foi bom para desmistificar aquilo, às vezes se cria ilusão, uma coisa imaginária e no fim foi bom eles terem visto que é um esporte, estava todo mundo lá gostando, vibrando e com o tempo eles foram se acostumando. Mas acho que no fundo eles sempre tiveram medo que eu me machucasse, talvez mais por esse lado, de que eu me machucasse, de eles quererem me preservar, de não quererem me ver machucada.

I.B. – Como era a escola que tu iniciou a prática de boxe?

F.J. – Tu diz se era uma academia...

I.B. – A estrutura, se tinha outras modalidades de lutas, como era?

F.J. – Era uma academia de musculação, tinha ginástica, e de luta tinha o full contact e o boxe olímpico que eram as duas modalidades que eu fazia. Não tinham outras modalidades de luta, porque o dono da academia que dava essas duas aulas, mas na parte da noite, uma turma mais de adultos, adultos jovens, não tinham crianças junto.

I.B. – Tinham outras mulheres treinando nesse período?

F.J. – Às vezes tinha uma mulher que fazia um tempo e parava. Durante todos esses anos teve uma pessoa só que treinou por mais tempo comigo, mas eu fui a pessoa que estive do início ao fim lá. Mas normalmente as mulheres começam, ficam um, dois, três meses e param ou por que tem vergonha ou por que acham que não vão conseguir fazer a técnica, por que é uma coisa que precisa ter persistência. Ou por que foram pensando em emagrecer e viram que arte marcial é diferente de fazer um jump ou pumping. Claro que tu emagrece

² Casa noturna localizada na cidade de Porto Alegre.

³ Academia Profitness, localizada na cidade de Porto Alegre.

praticando uma arte marcial, mas não é essa a intenção principal, isso está dentro de outras coisas boas que vem da prática. É isso que eu percebo, normalmente as mulheres fazem dois, três meses no máximo e param. É muito difícil, durante todo esse tempo... Imagina, eu treino desde os treze anos, eu vou fazer trinta e três, foram poucas as vezes que eu tive parceira de treino de um ano inteiro.

I.B. – E que chegaram a competir, só tu nessa academia?

F.J. – Só eu e de Porto Alegre poucas. Eu acho, não sei te dizer quantas, mas não muitas também.

I.B. – Nessa época como era a situação do boxe no Rio Grande do Sul? Tu lembra de outras meninas que treinavam?

F.J. – Eu não tinha contato com outras pessoas, era mais o campeonato mesmo. Ia lá, fazia campeonato, mas não tinha contato com outras para saber como era para elas, isso não.

I.B. – Existiam competições de boxe acontecendo em Porto Alegre?

F.J. – Em Porto Alegre não, eu sempre participei dos campeonatos no Bolão Gaúcho⁴, em Canoas, lá é onde ocorrem todos os campeonatos do estado. Eventualmente tinha algum evento, alguma coisa diferente, como esse no Bar Opinião que a gente abriu o evento. Mas não, é sempre localizado ali no Bolão Gaúcho, em Canoas.

I.B. – Chegou a ter situações de tu querer lutar e não ter outra menina para lutar?

F.J. – Não, na minha época não. Na minha época sempre teve alguém para lutar.

I.B. – Mas era uma luta feminina por campeonato?

F.J. – Geralmente uma luta.

⁴ Centro esportivo localizado na cidade de Canoas/RS.

I.B. – Analisei na súmula de campeonatos que normalmente as lutas das mulheres eram as últimas dos campeonatos...

F.J. – Olha, já faz tanto tempo que agora tu me pegou...

I.B. – Mas como era o público, qual era a reação do público a luta de boxe feminino?

F.J. – Era de muita vibração, o pessoal torcendo, a gente usava a cor azul ou a cor vermelha, o pessoal gritava muito. Mas no sentido, o pessoal que torcia para Porto Alegre, o pessoal que torcia para alguém do interior, mas sempre uma coisa muito boa, independente das vezes que eu ganhava ou que eu perdia. As pessoas vinham cumprimentar no final, dizer: “Que legal da força de vocês estarem aqui, vocês estão representando super bem, as duas fizeram bonito.” Eu sempre tive um retorno muito bacana das pessoas que eu nem conhecia, vinham me dar esse feedback de que gostaram, de que acharam legal, que foi vibrante. Tinha isso, eu só não me lembro se eram as últimas lutas, agora de cabeça eu não me lembro.

I.B. – É que nos primeiros campeonatos, eu analisei que as lutas de mulheres eram as últimas, eu não sei se é por que eram as mais esperadas. Talvez seja uma coisa que chamasse atenção no campeonato ter uma luta de mulheres, mas a reação do público era boa?

F.J. – Era sempre boa, o pessoal torcia bastante, ajudava. Os colegas de equipe, todo mundo sempre ajudando, a vibração sempre foi boa.

I.B. – Tu pode falar um pouco da tua trajetória como atleta, as lutas que tu realizou, os campeonatos que tu participou?

F.J. – Os campeonatos que eu participei foi no boxe, não em outras modalidades, durante esses dois anos e pouco. Na verdade a gente fazia um preparo físico mais intensificado um mês antes, vinte dias antes, a gente dava uma forçada maior no treinamento técnico e de resistência. O meu treinador fazia isso diretamente comigo e com as outras pessoas que iam participar também, porque tinham meninos que participavam. A gente marcava

horários diferenciados para fazer os treinamentos, com um cuidado da saúde, preparo de não beber, de dormir bem, de tentar estar bem psicologicamente para a luta. Mas com relação ao preparo é mais ou menos isso, não sei se tu queria saber alguma coisa mais específica?

I.B. – Tu manteve alguma ligação com o boxe depois de deixar de competir?

F.J. – Sim, até hoje eu pratico, teve uma época que eu parei um tempo, teve uns dois anos que eu parei para me dedicar mais ao jiu jitsu, mas acabei voltando. Hoje em dia dou aula de defesa pessoal na Academia de Polícia⁵, porque faz cinco anos que eu entrei para a Polícia Civil e acabei dando aula em um curso. Acho que me inseri dentro do que eles buscam e da filosofia, daquela coordenação, da disciplina, da defesa pessoal. E já faz mais de dois anos que eu estou dando aula com o grupo, somente para policiais e pessoas que estão ingressando de concursos. Eu continuo treinando boxe, continuo... Dou aula de defesa pessoal, não dou aula de boxe, dou aula de defesa pessoal policial, em função de todo esse tempo que eu pratiquei outras coisas.

I.B. – O boxe te influenciou?

F.J. – Com certeza, tanto é que na parte de defesa pessoal na aula da polícia o que eles mais gostam de mim é a parte do boxe, a parte técnica do boxe. Em função desse tempo todo de treinamento a gente passa a ser bem criteriosa nos detalhes, nos ensinamentos, na exigência. É bem legal, por que a referência que todos têm de mim, apesar de eu ser faixa marrom de full contact, de eu ter passado por outras modalidades, a minha referência lá é o boxe. De certa maneira ficou a referência do boxe, até pelos campeonatos, o pessoal quer saber, pergunta, acaba ficando essa referência. E para eu ter entrado na polícia, primeiro dia que eu botei o pé para fazer o curso de formação na Polícia Civil... Eu acho que todos esses anos de práticas de lutas e arte marcial me deram força e eu encarei o papel de estar lá dentro de uma forma incrível. Eu acho que até essa formação na polícia, esse tempo da práticas das lutas me deram uma cabeça diferente para entrar na polícia e entrei com tudo, amo o que eu faço. E eu me sentir bem na polícia hoje tem haver com todos esses anos de luta e principalmente com relação ao boxe.

⁵ Academia da Polícia Civil.

I.B. – Como eram as condições do boxe feminino no Rio Grande do Sul, tu lembra se existiam patrocinadores ou incentivos do governo?

F.J. – Nenhum, olha com relação a patrocínio nós tentamos, corremos atrás, eu não consegui nada, isso que eu era a primeira de Porto Alegre. Nessa época não conseguimos nada, eu me lembro que até a gente pesquisou com relação a alguma bolsa do governo, mas era muito difícil, muito difícil mesmo. Na verdade sempre saiu do meu bolso, as viagens, equipamentos, sempre saiu do meu bolso. Nunca tive nenhum tipo de patrocínio, sempre foi difícil. Acho que de uns anos para cá melhorou, pelo que eu ouço, acredito que tenha melhorado, mas na minha época, que era há uns doze anos atrás, era bem complicado.

I.B. – Tu lembra o período que tu competiu no boxe?

F.J. – Acho que era 2004. Acho que era 2003/2004.

I.B. – Tu tinha noção que tu era umas das primeiras que estavam competindo boxe no estado?

F.J. – Eu não tinha dados anteriores.

I.B. – Não conhecia nenhum nome de alguma mulher que tivesse treinado ou competido antes?

F.J. – No estado não, a gente tinha referência de outras mulheres de outros estados, mas não aqui do sul, que eu conhecesse ou que eu tivesse ouvido falar. Não conheço, desconheço a história anterior...

I.B. – Pelo que eu localizei tu e a Mariana Madalosso foram as primeiras a competir. Agora se manter economicamente treinando e competindo boxe havia possibilidade?

F.J. – Esperar que se ganhe dinheiro com o boxe, pelo menos naquela época era inviável, nunca ganhei um real, pelo contrário, sempre eu que tive de arcar com todos os custos.

I.B. – E paralelamente a prática de boxe tu, chegou a exercer alguma função remunerada?

F.J. – Na época eu fazia estágio, eu fazia faculdade e estágio.

I.B. – E tu conseguia conciliar?

F.J. – Era difícil, era bem difícil, mas eu me virava nos trinta. Saía de casa sete e meia, sete horas da manhã e retornava onze horas para fazer tudo que eu queria e incluir o treino de dentro da minha agenda. Claro que teve épocas que era mais difícil, eu acho que quando a gente dá prioridade para alguma coisa na vida, a gente dá um jeito e faz. Não tendo problema de saúde ou uma dificuldade maior, tendo uma vida saudável, quando a gente tem um objetivo e coloca aquilo como prioridade a gente sempre dá um jeito. Eu acho que aquela coisa de: “Ah eu trabalho daí não dá tempo de treinar”. Talvez não seja o maior objetivo da pessoa, quando a gente quer... A não ser que tu tenha três filhos, aí é outra história.

I.B. – Hoje existe a bolsa atleta que já ajuda a manter algumas meninas. Na época não existia?

F.J. – Na época não, era no amor mesmo.

I.B. – Tu percebeu alguma mudança no teu corpo atribuída a prática de boxe?

F.J. – Sim, questão de rigidez muscular, de capacidade de resistência, força, todo o corpo é beneficiado. Tem gente que imagina que o boxe é soco e não trabalha perna, só que a gente faz um condicionamento físico, nós fazemos um aquecimento que trabalha tudo. E fora que mesmo no treinamento de socos, nós temos que ter a firmeza da base, trabalhar a movimentação durante todo o treinamento. Quem faz uma aula de boxe vai sentir que trabalha todo o corpo, não tem isso: “Ah é só braço”. Não, se trabalha tudo.

I.B. – E como é que tu, teus amigos e familiares encararam essas mudanças corporais? Foi de uma forma positiva?

F.J. – Sim, todo mundo sempre elogiou, sempre acha que foi benéfico. Nunca percebi nada que fosse contra e não fiquei masculinizada, talvez possa ter algum mito com relação a mulher que luta se masculinizar, alguma coisa assim. E pelo contrário, a maioria das gurias que eu conheci que praticavam o esporte, a maioria sempre muito feminina. Pode haver um mito de que a pessoa possa ficar um pouco masculinizada, que vai ficar forte, não mesmo. Se a pessoa for feminina ela vai continuar sendo feminina, ela vai ter a definição corporal, vai ficar com o corpo mais definido. Talvez perca peso, dependendo da pessoa, da alimentação que ela tem, se ela tem uma vida regrada. Mas eu sempre vi só benefícios e nunca ouvi nenhum tipo de crítica com relação a isso.

I.B. – Tu chegou a ficar com alguns ferimentos, algumas marcas, um olho roxo? Isso chegou a preocupar as pessoas na tua volta?

F.J. – Sim, já fiquei com o olho roxo, já sangrei nariz, acontece. Tanto em campeonato, quanto em pré-campeonato, pois também se dá uma intensificada nos treinamentos. Acontece de ficar um olho roxo e sempre procurei disfarçar com maquiagem para não ficar muito visível. As pessoas se preocupam, perguntam: “O que é isso? O que aconteceu? Tu está bem?”. Eu explico: “Não, foi da luta, está tudo tranquilo”. E as pessoas: “Ah! Foi da luta, então está tudo bem”. No meu estágio teve uma ou duas vezes que ficou roxo o olho, mas meu chefe, meus colegas, todos sabiam da minha história, da minha caminhada no boxe, nunca enfrentei problema, preconceito também. E como te disse, tentava disfarçar com a maquiagem para não ficar feio, então nunca enfrentei nenhuma resistência.

I.B. – Te incomodava?

F.J. – Não, não me incomodava, faz parte, acho que é do treinamento ou do campeonato, a gente bate e a gente apanha, não tem muita escapatória. Acho que é difícil alguém sair de um campeonato sem o roxinho, é raro, só a Ronda⁶ [risos]. Hoje em dia a Ronda consegue sair sem um roxo das lutas.

I.B. – Tu vê alguma diferença no processo de treinamento de homens e mulheres?

⁶ Ronda Rousey.

F.J. – Olha na minha época a gente fazia o mesmo treinamento. Treinamento tu diz para campeonato ou no geral?

I.B. – No geral.

F.J. – Nunca vi, em todos os lugares que eu já estive todo mundo sempre fez a mesma coisa, nunca teve diferenciação. “Ah! Tu é mulher tu faz isso, tu é homem faz aquilo”.

I.B. – Chegou a treinar com homens quando estava treinando para competições?

F.J. – Sempre, na verdade eu sempre treinei com homens pela função de muitas vezes não ter mulher e é bom treinar com homens por que eles... Mesmo que ele tenha o mesmo peso que tu, homem tem mais força bruta, não adianta, isso é do homem, da natureza do homem. Sempre treinei com homens, sempre gostei, nunca senti discriminação, o treinamento sempre foi o mesmo para todos. Em todos os lugares que eu fui, acho que isso é uma coisa da luta, do boxe, de qualquer outra arte marcial, todos somos iguais e todos temos capacidade de fazer. No início eu via os guris fazendo apoio sem joelho e eu disse: “Se eles podem, eu também posso”. Batalhei para conseguir fazer apoio sem joelho, para conseguir fazer todos os exercícios que eles faziam, eu sempre me senti em condições de fazer. E acho que isso é legal também, não tem distinção, a turma é mista e todo mundo tem condições de fazer. Claro, entra um aluno novo, uma pessoa que tenha algum problema, alguma dificuldade, claro que se ter uma flexibilidade, o professor não vai obrigar a fazer o que não pode. Fisicamente, se a pessoa não pode, não tem condição, independente se é homem ou mulher, mas se a pessoa é saudável a pessoa tem que batalhar para conseguir fazer o que todos fazem.

I.B. – E na forma de lutar? Tu via alguma diferença? A mulher é mais técnica, homem é mais forte...

F.J. – Talvez pela questão histórica das mulheres, há pouco tempo vir se inserindo em campeonatos, em lutas... Acho que nas últimas décadas vêm se abrindo mais, a sociedade vem se abrindo mais. Talvez as mulheres tenham uma questão de se apegar muito na

técnica, acho que querem fazer uma luta bonita. Não que o homem não faça, mas eu acho que a mulher quer mostrar... Talvez até uma questão inconsciente, às vezes nem é consciente, mas se tu for observar, não sei se tinha algum vídeo para ti ver a luta minha e da Mariana⁷, eu não tenho infelizmente. Eu acho que por isso nos finais das lutas as pessoas vinham nos cumprimentar, acho que a gente cuidava da questão técnica. Tinha agressividade e tudo, mas talvez para mostrar um pouco que a gente era capaz, acho que a questão técnica sempre foi muito importante. Tanto que o pessoal até hoje, na Academia de Polícia, me conhece: “A Fabi é detalhe por detalhe”. Eu cuido dos mínimos detalhes, se não aprender a técnica, não adianta ter força, eu falo para eles.

I.B. – E o boxe para tu ter um movimento perfeito são muitos detalhes.

F.J. – São muitos detalhes que tem que ser unidos e feitos praticamente ao mesmo tempo para sair aquele movimento perfeito.

I.B. – Precisa muita dedicação, perseverança.

F.J. – Acho que por isso tem muitas pessoas... Só fica quem realmente está a fim, tem uma seleção natural, acho que quem não é dedicado, quem é desmotivado... Ou a pessoa entra no clima do que é praticar uma luta, ou a pessoa acaba saindo, porque o grupo todo está em uma sintonia e alguém que não está com aquela sintonia acaba deslocado. Tem que ter toda essa disciplina mesmo.

I.B. – Durante muitos anos o boxe era praticado exclusivamente por homens, como tu se sentiu como mulher ocupando esse espaço?

F.J. – Eu me senti bem, eu não sei te explicar, mas é uma coisa que eu tenho desde pequena, desde os meus seis anos de idade, eu gosto de assistir os desenhos de luta, eu pedi para o meu pai para me ensinar a dar soco. Só que eu não era uma criança agressiva, eu brincava de boneca, eu era normal, não tinha nenhum desvio, mas tinha esse outro lado de gostar da luta e querer entender, saber como era... Me perdi, comecei a falar...

⁷ Mariana Madalosso.

I.B. – Essa questão dos homens terem ocupado um espaço no universo das lutas durante muitos anos...

F.J. – Desde criança eu tinha essa coisa interna de querer lutar, de querer aprender, de querer fazer. Eu nunca parei muito para pensar se era mais masculino, se não era. Eu meio que liguei o “azar dos outros”, eu quero isso, me faz bem isso... Tanto é que, das minhas amigas, ninguém fazia, todo mundo era no balé, na ginástica olímpica e eu via a cara de tristeza da minha mãe quando eu falei que queria lutar. Só que eu nunca me apeguei a uma coisa de homem, eu nunca parei para pensar se eu ia sofrer discriminação, eu queria aquilo e não estava preocupada com o que os outros iam pensar, estava preocupada com aquilo que me fazia bem. E graças a Deus eu segui esse meu instinto e hoje, com certeza, eu não seria a mesma pessoa se eu tivesse de repente abafado essa vontade para agradar alguém e ter ido fazer o balé. Com certeza, eu não seria feliz do jeito que eu sou, não teria construído essa minha caminhada, que para mim é uma caminhada feliz, gratificante. Se eu não tivesse tido essa força toda, durante todo esse tempo de praticar, independente de estar trabalhando muito, de ter alguma outra dificuldade, acho que foi muito válido, para mim não tem palavras para dizer o quanto me fez bem até hoje.

I.B. – Como tu interpreta o fato das mulheres ingressarem no boxe recentemente, por exemplo, nas Olimpíadas de 2012? Nos meus estudos eu analiso que na década de 1980 ocorre o primeiro Campeonato Brasileiro de Judô Feminino e o primeiro Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino vai ocorrer lá nos anos 2000. Por que será essa diferença?

F.J. – Eu acho que a questão do boxe e de outras lutas contundentes, talvez possam ter mais resistência da sociedade no geral, a questão do soco, do chute, joelhadas, cotoveladas, eu acho que tudo isso... Tu está falando de Brasil?

I.B. – Brasil.

F.J. – Eu acho que pode ter uma resistência, é mais fácil tu colocar uma mulher a treinar judô para os outros olharem... Por que judô é uma arte marcial super disciplinada, super exigente, tem lesão sim, como em qualquer outra luta, só que para os outros, talvez para quem assiste, parece que não é tão agressivo quanto é o boxe, imagino que possa... Tomar

um soco na cara possa parecer mais agressivo, talvez por isso ter demorado tanto, acredito eu. Na época, para quem não estava inserido no mundo das lutas, talvez achasse: “Judô não parece tão agressivo quanto uma luta de boxe”. Para mulheres, pensando na questão de mulheres, por que para homem na sociedade pode tudo, questão de luta, essas coisas, nunca vi nenhum tipo de discriminação. Talvez pensando com relação à mulher, plasticamente, seja mais bonito seja ver uma luta de judô do que ver uma mulher, que tem um estereótipo de ser feminina, de ser delicada, que vai se machucar levando um soco no rosto.

I.B. – Comente a tua contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul.

F.J. – O que eu deixo de bom é poder mostrar para as mulheres que têm algum receio, algum medo, de que é bom, é saudável, faz bem e que elas podem também. Eu acho que talvez, sem eu saber, eu tenha ajudado algumas pessoas a ir praticar, ou mesmo desmistificar: “Ah! O boxe é uma coisa agressiva, ou é uma coisa masculinizada”. Para as mulheres se darem conta de que de repente eu posso também, é legal, é saudável, eu não vou me arrepiar. Ainda mais quem não entra nos campeonatos, é um esporte super saudável, se tu não entra em campeonato, dificilmente tu vai te machucar. Eu vejo o futebol como um dos esportes mais lesivos que tem, eu conheço pessoas que jogam futebol que se machucam cem vezes mais do que eu, que pratico arte marcial a vida inteira. Acho que é isso, de dar força, eu me vejo como uma pessoa com a cabeça aberta, mas as mulheres tem uma questão muito preconceituosa de achar: “Será que eu posso ir lá fazer? Será que eu tenho condição? O que os outros vão pensar? Meu namorado não vai querer...”. Eu nunca deixei o meu namorado interferir em nada: “Tu me conheceu assim, se tu não gosta, tchau! Eu não vou deixar de lutar por tua causa.”. Quem entrar na minha vida tem que me respeitar. Acredito que eu possa ter influenciado positivamente quem vai querer lutar ou quem não vai querer lutar, mas passa a ter conhecimento de que pode ser saudável.

I.B. – Tu acha que algumas mulheres, quando elas entram na academia, querem treinar bastante perna, elas buscam um tipo de corpo ideal. E quanto a desenvolver o braço, a musculatura da parte superior, elas não têm esse interesse? Tu acha que elas veem no boxe uma prática que não vai resultar na construção de um corpo que elas gostariam?

F.J. – É um mito, esse é um mito do boxe, tanto é que eu sempre pratiquei e na verdade meus braços cresceram muito mais em função da musculação. Eu fiz um treino específico para isso, pois o boxe sempre definiu meu braço, nunca aumentou de tamanho. Eu acho que tem mitos, assim como de quem faz musculação vai virar monstro, só que para virar monstro tem que se matar muito treinando e não é qualquer um que vai conseguir. São mitos, explícitos ou não, de que daqui a pouco, com o boxe: “Ah! Eu vou ficar grande nos membros superiores”. Só que não é, a não ser que tu tenha uma genética muito monstra, tu coma muito, tu faça uma suplementação e mesmo assim é um esporte de queima de caloria e de definição e não de peso para hipertrofia. Às vezes as pessoas criam algumas ideias que não são condizentes com a realidade, assim como na musculação, tem gente que chega aqui na academia e diz: “Ah! Eu não quero fazer nenhum membro superior, que eu vou ficar grande”. Digo: “Olha, eu estou tentando ficar grande há muitos anos, eu faço trabalho com nutricionista, com peso, com suplementação e não consigo ficar grande. Se tu conseguir ficar grande levantando um quilinho assim...”. São mitos que as pessoas, por algum motivo, têm. E até quando vem um aluno novo e eu estou em aula, se é menina eu puxo e digo: “É legal, te dedica, não desiste, é difícil no início, mas tenha perseverança.” Eu sempre tento fazer um trabalho com os novos, principalmente quando entra uma guria, para ela ver que tem uma pessoa que faz há um tempão e que gosta, que é normal, que é saudável, não está enorme, não está diferente, é uma pessoa normal. Quando chega um aluno novo, eu tento mostrar que é uma coisa bacana, que tem que ter perseverança, porque não é fácil, as pessoas demoram bastante tempo para pegar a parte técnica.

I.B. – Tem algo que eu não perguntei que tu gostaria de deixar registrado?

F.J. – Acho que eu falei tudo, eu fui emendando uma coisa na outra e fui falando...

I.B. – Então está certo, muito obrigada.

F.J. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]